

# IRAQUE: DESENVOLVIMENTOS INTERNOS E EXTERNOS NOS ANOS PÓS-SADDAM

Pavlo Ignatiev<sup>1</sup>

## Introdução

O Iraque é muito importante para a comunidade mundial devido a sua posição estratégica no encontro entre o Golfo Pérsico, o Mar Mediterrâneo e o Mar Vermelho, além de grandes riquezas minerais e petrolíferas. Além disso, o caso iraquiano ilustra todos os aspectos da política do Oriente Médio dos EUA desde o fim da Guerra Fria.

O Iraque é visto por muitos cientistas como um estado falido, apesar da enorme riqueza mineral e considerável ajuda oficial americana. Este país permanece entre os dez principais atores estatais com as maiores reservas de petróleo do mundo. No entanto, os depósitos de petróleo bruto estão divididos entre a maioria xiita no sul e as minorias curdas nas regiões do nordeste, o que põe em perigo sua segurança e desenvolvimento. Os cidadãos curdos exigem independência, enquanto os leais sunitas querem mais poder no processo político e se esforçam para acabar com a violência sectária. Ao mesmo tempo, o Iraque está dividido entre o Irã e os EUA, com cada lado exigindo lealdade e cooperação plena. Os principais passos de pesquisa explicam as peculiaridades da recuperação econômica do Iraque, os motivos da independência de fato do Curdistão iraquiano autônomo, as origens da guerra civil xiita-sunita, a deterioração da presença estratégica americana e o aumento da influência iraniana em um país devastado pela guerra.

O objetivo principal do artigo é analisar o resultado da transição de 14 anos do regime totalitário de Saddam Hussein para a governança democrática. Também é importante descobrir como o estado pós-Saddam enfrenta os graves desafios externos que emanam da Turquia, do Irã e da insurreição na Síria. Os veículos de notícias iraquianos, turcos e iranianos, juntamente com

---

<sup>1</sup> Professor do Department of Country Studies and Chief of Centre of Indology da Taras Shevchenko National University of Kiev. Doctor of Politics. E-mail: pavloi@yahoo.com.

os sites oficiais dos respectivos Ministérios de Relações Exteriores e as publicações de think tanks foram utilizadas como principais fontes de informação.

## Análise das últimas publicações

Muitos pesquisadores dos EUA estudam os desenvolvimentos iraquianos sob a perspectiva dos interesses nacionais americanos, mas este trabalho fornece uma análise abrangente da interação entre o Iraque e seus principais parceiros políticos e econômicos, a fim de recriar e analisar eventos vitais na era pós-Saddam. O que diz respeito à Ucrânia, é importante destacar o trabalho científico de *Alexandr Manchinskiy*<sup>2</sup>, que argumenta que as operações de contra-insurgência dos EUA no Iraque foram extremamente cruéis e que a administração interina americana não impediu o aumento dos roubos de tesouros da Babilônia (Manchinskiy 2015). Em outro artigo, *Ganna Shelest*<sup>3</sup> considera os erros do presidente George Bush Junior no Iraque, dentre os quais ações como a intervenção sem justificativa, a negação de um julgamento adequado e a rápida execução de Saddam Hussein, de 69 anos, promovendo a divisão xiita-sunita através de um processo democrático sem fornecer salvaguardas para a minoria sunita e a adoção de Constituições antidemocráticas em 2005 (Shelest 2013). Finalmente, *Ludmila Chekalenko e Viacheslav Zivatiy*<sup>4</sup> chamam as tentativas da Turquia e da Síria de desviar as águas do Tigre e do Eufrates de uma grave ameaça à segurança do Iraque, a qual o Estado iraquiano é completamente impotente para parar (Chekalenko, Zivatiy e Vasilieva 2014).

O país está situado no encontro entre o Mar Mediterrâneo, o Golfo Árabe (Persa) e o Mar Vermelho, influenciando os eventos nas três respectivas regiões. Sob o domínio do Partido Baath, o Iraque foi considerado a última fronteira do mundo árabe sunita contra os xiitas do Irã, mas hoje ambos os vizinhos com a maior população xiita no Oriente Médio demonstram unidade em muitas questões regionais importantes. Além disso, o Iraque continua a ser um participante da questão curda não resolvida e o único Estado do mundo onde os curdos gozam de ampla autonomia regional, possuindo as

---

2 Trabalho original: Маначинский Александр, “Ирак: тайные пружины войны” (Киев: Румб, 2005), 416 с.

3 Trabalho original: Шелест Ганна, “Ирак: десять лет, которые мы потеряли”, Зеркало Недели, 22 березня, 2013

4 Trabalho original: Чекаленко Л., Циватий В., Васильева М. “Турецька Республіка на початку ХХІ століття: традиції, зовнішньополітична стратегія, інституційна модель”, Зовнішні справи. 1 (2014): 22 - 27.

próprias forças armadas Peshmerga (literalmente “aqueles que enfrentam a morte”), o governo, a bandeira e os escritórios de representação semi-oficiais no exterior.

O Iraque é espremido entre a Arábia Saudita e o Irã, com uma pequena saída de 58 quilômetros de extensão para o Golfo Pérsico e uma crescente dependência do trânsito jordano. Em geral, o Estado iraquiano compartilha 3,631 quilômetros de fronteiras desafiadoras com seis vizinhos rebeldes: Irã, Jordânia, Kuwait, Arábia Saudita, Síria e Turquia (Iraq Business News 2013).

Por outro lado, a posição geopolítica de 33,7 milhões de iraquianos é desfavorável e define sua dependência de vizinhos em questões de trânsito de petróleo bruto e compartilhamento de recursos hídricos. Este país está situado dentro do cinturão da Mesopotâmia (“Terra entre os rios”) e, juntamente com a Turquia e a Síria, usa fortemente água de ambos os cursos de água transfronteiriças - o Tigre e o Eufrates. A área terrestre iraquiana de 438 mil quilômetros quadrados é povoada de forma desproporcional com o maior número de pessoas que residem nas partes sul e central do país, e em regiões do nordeste. Os xiitas constituem cerca de 65 por cento da população, árabes sunitas e curdos 36 por cento e outras minorias como os armênios cristãos, assírios e yazidis representam o resto dos iraquianos (Refworld 2015).

A capital de 7,5 milhões de Bagdá está situada na parte central do Iraque, perto do Tigre. Devido a uma longa faixa de 58 quilômetros de extensão, o país possui um acesso limitado ao Golfo e ao porto Umm Qasr. Outro problema é a forte dependência do rio Shatt al-Arab (“fluxo árabe”) - de 204 km de comprimento e 2 km de largura -, formado pela confluência do Tigre e do Eufrates, moldando assim uma parte da fronteira com o Irã. Este corpo estratégico de água é usado para transportar mercadorias para a área portuária de Basra, conhecida como “A Veneza do Oriente” por causa dos inúmeros canais e casas do século XIX. Cinco portos de Basra são responsáveis pelo tratamento de 80 por cento das exportações de petróleo, e a participação do leão na economia iraquiana depende da logística dessa cidade. Além disso, o campo de petróleo gigante “Rumaila” com uma produção diária recorde de 1,4 milhão de barris de petróleo está situado nas proximidades (Al-Monitor 2013).

O Iraque é considerado um dos berços da civilização do Oriente Médio e é famoso pelas antigas cidades da Babilônia, Ur, Lagash e Uruk, bem como pelos locais sagrados do poder espiritual xiita em Karbala, Najaf e Kufa. Combinados com Bagdá e Basra, eles constituem um grande incentivo para visitar este país.

Apesar dos consideráveis recursos de petróleo e gás, cujos lucros nos cofres estatais podem dar suporte a diferentes campos da atividade econômica com subsídios, a produção de alimentos no país é pouco desenvolvida. A re-

gião da Mesopotâmia, como berço da agricultura, é conhecida por terras aráveis devido à disponibilidade de água dos dois maiores rios, Tigre e Eufrates, e uma enorme área de pântano com árvores de tâmaras no sul. A agricultura, principalmente ligada ao cultivo de trigo, cevada e tâmaras, também desempenha um importante papel adicional. Na sequência da invasão de 2003, a administração interina americana eliminou restrições à importação de alimentos e, como resultado, os produtores locais sofreram com a feroz concorrência estrangeira. Além disso, o sistema de assistência amplamente utilizado por Saddam Hussein desde 1995 para apoiar os pobres foi mantido como uma medida para alimentar a população durante o período de instabilidade. Cada pessoa, coberta pelo programa, tinha direito a receber mensalmente 3 kg de arroz, 2 kg de açúcar, 9 kg de farinha, além de folhas de chá, feijão e pasta de tomate (Global Arab Network 2009). Essas generosas distribuições levaram à compra de enormes volumes de alimentos, permitidos pela ONU. Finalmente, países vizinhos, a Turquia e a Síria frequentemente desviaram a água do Tigre e do Eufrates para suas necessidades industriais e agrícolas e milhões de hectares no Iraque foram afetados pela desertificação e forte tempestade de areia sazonal. Hoje, menos da metade das terras aráveis está sendo cultivada. As principais importações de alimentos incluem carne, cereais, açúcar, frutas e vegetais, fórmula de leite para bebês, trigo e arroz. Com o desdobramento do conflito contra o Estado Islâmico do Iraque e da Síria, cujos militantes agarraram enormes áreas de terra produtiva no noroeste, onde o trigo e a cevada eram cultivados, a demanda por produtos da agricultura continuou a crescer de forma constante (FAO 2014).

Em 2008, o governo apresentou “A iniciativa agrícola” destinada a fornecer empréstimos facilitados para os agricultores no valor de 1,5 bilhões de dólares. O programa de replantação de palmeiras também foi iniciado. Em 1960, o Iraque foi o maior produtor de tâmaras no mundo com 32 milhões de palmeiras no uso e sua produção anual constituiu um milhão de tons de frutas. Mais tarde, o número de palmeiras caiu para 11 milhões devido aos fortes combates durante a guerra Irã-Iraque e a severa crise de combustível no início dos anos 1990, que forçou as populações locais a cortar árvores. Mas hoje as medidas de replantação destinam-se a aumentar o número de palmeiras para 40 milhões e a introduzir melhores variedades de tâmaras nos mercados mundiais, a fim de entrar em uma forte concorrência com os principais produtores do Oriente Médio (Reuters 2011). Isso é importante, porque durante o mês sagrado do Ramadã, os fiéis do mundo muçulmano consomem apenas tâmaras, saturadas de calorias, e água e o Iraque está em posição de exportar.

A economia iraquiana demonstrou um crescimento dinâmico nos anos de reconstrução pós-guerra, que estava fortemente ligado ao desenvolvi-

mento da indústria do petróleo. Os maiores campos estão situados no sul do Iraque, perto de Basra e no Curdistão, não muito longe da cidade de Kirkuk. Em 2015, apenas as regiões do sul do país exportaram mais de 3 milhões de barris por dia (Al Arabia 2015). É importante notar que, apesar da fuga de cérebros de jovens profissionais durante os anos pós-Saddam, essa indústria continua altamente lucrativa. Os distritos do sul e nordeste do Iraque eram relativamente pacíficos e as multinacionais operavam aqui sem grandes preocupações de segurança. Os principais terminais de petróleo do Iraque estão situados dentro da área portuária de Basra e em Khor Al Amaya, perto da península de Al-Faw, no Golfo. As reservas globais de petróleo incluem 153 bilhões de barris, o que coloca o Iraque em quarto lugar no mundo depois da Venezuela, Arábia Saudita e Irã (Oil Price, 2017). No entanto, algumas fontes afirmam que o Canadá é o terceiro maior país em relação às reservas de petróleo bruto. Se considerarmos todos os depósitos de petróleo, gás e carvão, o Iraque pode ser considerado o 7º país mais rico do mundo, com valor combinado de recursos naturais superiores a 18 trilhões de dólares (Insider 2014).

As importações para o Iraque são monopolizadas por um punhado de vizinhos como a Turquia, a Jordânia e o Irã, por produtores líderes de bens de consumo, a China e a Índia, e pelos principais exportadores de armas, os EUA e a Federação Russa. Por exemplo, a China, a Índia e a Turquia continuam a ser os principais fornecedores de vestuário e sapatos, as empresas americanas vendem armas e produtos de engenharia para a indústria do petróleo, enquanto os Estados vizinhos, produtos agrícolas e materiais de construção. O Iraque compra grãos de muitos países ao redor do mundo e arroz, principalmente da região do sul da Ásia. Tudo isso significa que o Iraque se tornou vítima da “doença holandesa”, que define a dependência do país em relação a apenas um produto - petróleo bruto.

A história recente do Iraque é trágica e contribui para a instabilidade do país. Após a invasão americano-britânica de 2003 que arruinou o governo de Saddam Hussein, o país foi submetido à administração interina americana com o exército dos EUA no triângulo sunita, tropas britânicas que controlam áreas em torno de Basra e outros soldados estrangeiros, as regiões mais pacíficas do Nordeste. Em janeiro de 2005, os iraquianos escreveram a Constituição Federal. As eleições democráticas, em dezembro de 2005, no âmbito da nova Lei Básica, permitiram criar o Conselho Permanente de Representantes e o governo de coalizão. A Constituição prevê que os partidos nomeiem candidatos para a câmara baixa do Parlamento antes das eleições, que após a vitória criam uma coalizão governante no Conselho de Representantes e escolhem o poderoso Primeiro-Ministro. O presidente permanece, em grande parte, figura cerimonial, mantendo-se acima das lutas políticas, mas com o direito de

governar por decretos em caso de necessidade. Como resultado, em 2005, o falcão político xiita Nouri al-Maliki tornou-se o Primeiro-Ministro; a posição do presidente foi concedida a um estadista curdo Jalal Talabani e o cargo de vice-presidente a Sunni Tariq al-Hashimi. Este complicado sistema político foi proposto pelas autoridades americanas para conciliar diferentes grupos étnicos e religiosos, mas não haviam salvaguardas para proteger os interesses das minorias (Al-Monitor 2012). Dentro do prestigiado distrito Al-Tashri, cheio de palácios de Saddam Hussein e casas de iraquianos ricos, as tropas americanas criaram a “Zona Verde” com postos e barreiras - a área segura a 10 quilômetros quadrados do centro de Bagdá -, onde os edifícios do governo e os Embaixada dos EUA funcionam hoje sem a ameaça constante de grandes atos terroristas (Al-Monitor 2013).

Os laços entre Iraque e os EUA, que moldaram uma ordem pós-guerra no país, eram complexos e controversos. Em 2008, ambos os lados assinaram o Acordo Quadro Estratégico, destinado a regular: os princípios fundamentais das relações políticas; a cooperação estreita de defesa; os intercâmbios culturais e educacionais; a facilitação do desenvolvimento iraquiano<sup>5</sup>. Após a retirada da maior parte das tropas, os americanos continuaram a prestar ao Iraque a assistência de conselheiros militares. Hoje, os EUA continuam sendo um dos principais fornecedores de armas no Iraque. Foi revelado pelo Departamento de Estado que, desde 2005, as autoridades iraquianas compraram das empresas dos EUA 3300 mísseis “Hellfire”, 30 000 tanques de 120 mm, 146 M1A1 “Abrams” Main Battle Tanks; 36 F-16 fighters; 24 helicópteros IA 407; e 9 aeronaves de carga C-130 (Departamento de Estado dos EUA 2015).

Mas as relações políticas estão constantemente tensas devido à atitude negativa de Washington em relação ao Irã e ao regime sírio de Bashar al-Asad. O Iraque também continua a comprar armas russas, entre elas, os novos helicópteros de ataque Mi-28 e Mi-35, bem como SU-25, aeronaves de segunda mão para suporte aéreo próximo (Your Middle East 2014). Além disso, Bagdá culpa os EUA pela criação concreta e apoio à autonomia curda no Norte. Durante o governo de Saddam Hussein nos anos 90, a superpotência solitária declarou a zona de exclusão aérea sobre o norte do Iraque e ajudou a equipar e armar as unidades militares curdas - Peshmerga -, que hoje constituem 130 mil soldados (National Post 2015). Várias multinacionais com registro americano também estão ativas na lucrativa indústria do petróleo do Curdistão.

---

5 “Strategic framework agreement for a Relationship of Friendship and Cooperation between the United States of America and the Republic of Iraq”. 17 de novembro de 2008. <http://photos.state.gov/libraries/iraq/216651/US-IRAQ/us-iraq-sfa-en.pdf>. Acesso em 25 de fevereiro de 2017.

Apesar de tudo isso, os EUA continuam a ser um dos principais colaboradores do regime iraquiano e apoiam financeiramente a unidade do país, o que é necessário para a estabilidade do Grande Oriente Médio. Por exemplo, os americanos já contribuíram com mais de 60 bilhões de dólares para a reconstrução do Iraque, que se tornou o segundo maior programa de assistência bilateral após o Afeganistão. Dentro desse valor, 20 bilhões foram destinados a treinar e equipar as unidades do exército iraquiano, para fornecer aos iraquianos veículos de transporte militar e armas pequenas (Huffington Post 2013).

A assistência americana era essencial, mas a influência oficial de Washington não podia impedir a guerra civil, facilitada pelas diferenças religiosas entre população xiita e sunita. Apesar de todas as probabilidades, o regime de Saddam Hussein (1979-2003) proporcionou a estabilidade relativa ao Iraque graças a severas repressões e dominação do Partido Baath na vida política, juntamente com o “trabalho” incansável do serviço secreto Al-Mukhabarat. A ideologia do Estado estipulava que não havia divisões étnicas ou religiosas, já que todos os cidadãos iraquianos representavam os únicos herdeiros da grande civilização babilônica e as pessoas dos países vizinhos eram inferiores a eles. A fim de proteger o patrimônio cultural, Saddam ordenou a reconstrução e a renovação de locais antigos. A propaganda estatal declarou o chefe do Estado iraquiano como um sucessor direto dos reis da Babilônia. Ele foi comparado ao Saladino e ao Rei Nabucodonosor, famosos por suas vitórias sobre os judeus (PRI 2003). Sua política favoreceu os membros da comunidade sunita e das minorias religiosas em importantes cargos estatais (por exemplo, é sabido que o vice-primeiro-ministro Tariq Aziz, mais antigo, era um cristão), aparelhos de segurança e forças armadas. Além disso, foram proibidos os feriados xiitas, manifestações públicas desta religião e peregrinações. Simultaneamente, as forças do Estado lutaram contra rebeldes curdos no norte e no nordeste usando armas químicas e bombardeios indiscriminados de aldeias montanhosas.

A decisão do presidente George H.W. Bush de não invadir o Iraque após uma campanha militar bem-sucedida no Kuwait em 1991, sob a pressão direta do rei saudita Fahd, aprofundou os sofrimentos da maioria xiita que organizou a rebelião contra Saddam Hussein após a “Tempestade no Deserto” e foi derrotado com tanques e helicópteros da Guarda Nacional iraquiana. As baixas do povo xiitas estavam na faixa de 30.000-50.000 e 20.000 curdos também provavelmente foram mortos no Curdistão iraquiano. Assim, a primeira Primavera Árabe de 1991 acabou em uma esmagadora derrota (Council on Foreign Relations, 2016). A relutância do presidente dos EUA em prestar assistência aos membros da resistência causou uma profunda desconfiança

em relação a Washington entre a maioria xiita e essas memórias dolorosas ainda estão vivas entre os iraquianos. Assim, os xiitas iraquianos estavam procurando vingança contra a minoria sunita privilegiada que apoiava silenciosamente a política de Saddam Hussein.

Após a invasão de 2003, o equilíbrio étnico-religioso dos poderes mudou fundamentalmente. Nos últimos dias do regime de Saddam, os depósitos militares foram roubados por pessoas comuns e muitos soldados desertaram o exército com suas armas em antecipação à ocupação americana. Em maio de 2003, Hussein ordenou que o chefe do Banco Central do Iraque entregasse aos seus homens 1 bilhão de dólares para apoiar a insurgência sunita. O dinheiro foi retirado em 3 caminhões enormes e parte dele desapareceu sem deixar vestígios (Roberts, 2003). Assim, o Iraque com um alto nível de desemprego e um grande ressentimento da população em relação a “infiéis” estrangeiros e “novos cruzados” estava inundado de armas e ex-militares, principalmente de origem sunita que perderam seus empregos, que conseguiram controlá-lo.

Em 2006, o novo primeiro-ministro Nouri al-Maliki e seus aliados iniciaram uma campanha de remoção dos iraquianos de crença sunita dos cargos de poder do Estado sob o pretexto de banir os ex-partidários do partido Baath da vida pública. Muitas pessoas inocentes perderam seus lucrativos empregos estatais, outras foram detidas por períodos prolongados sem acusação ou foram acusados de terrorismo e de serem “membros” em esquadrões da morte. Maliki também não honrou sua promessa aos americanos de integrar sunitas anteriormente desempregados em instituições governamentais. Assustado com as ameaças do presidente George W. Bush Junior, os países regionais, a Síria e o Irã, contribuíram para a instabilidade no Iraque, apoiando as guerrilhas, que lutaram contra tropas americanas e britânicas, respectivamente, no triângulo sunita e no sul. Seu objetivo era intimidar soldados nessas áreas e estabelecer a opinião pública dos países ocidentais contra novas intervenções devido ao alto número de baixas. As emboscadas contra comboios militares e plantação de dispositivos explosivos improvisados perto de estradas, em caças de animais mortos ou dentro de paredes de barro de casas próximas tornaram-se muito comuns. O exército dos EUA reagiu com a introdução de drones e robôs, as compras de milhares de veículos e equipamentos protegidos contra emboscadas, resistentes às minas para a interrupção dos sinais entre a bomba plantada e terroristas com controles remotos (Military Technology 2010).

A captura de Saddam Hussein e sua humilhante execução por enforcamento em dezembro de 2006, acompanhada por celebrações nacionais de xiitas, foi considerada pela população sunita como uma vingança, no entanto,

os americanos esperavam uma era nova e pacífica no Iraque. Posteriormente, no final de 2006 e em 2007, os confrontos dos dois maiores grupos sectários levaram a uma guerra civil com homens armados assumindo o controle de diferentes partes de Bagdá. Em 2007, as tropas britânicas transferiram a responsabilidade pela área de Basra para o exército iraquiano e os americanos. As forças armadas dos EUA, cuja linha de defesa tornou-se vulnerável, finalmente evacuaram seus soldados do país em 2011. Após a retirada das tropas estrangeiras, Maliki imediatamente iniciou uma perseguição ao popular vice-presidente Tariq al-Hashimi, de crença sunita, e forçou-o a sair Iraque. Ele foi condenado à morte durante sua ausência (Rudaw 2016). A caça aos políticos sunitas e o assassinato de seus guarda-costas pelas forças de segurança do Estado também se tornaram muito comuns. Os grupos de atiradores rotineiramente seqüestraram pessoas em distritos afluentes e exigiram resgate por sua vida ou transportaram forçadamente meninas jovens para outros países para escravidão sexual.

Neste contexto, a guerra civil na Síria tem uma influência direta sobre os acontecimentos no Iraque. Os rebeldes sunitas iraquianos entram no país vizinho pelo maior distrito, Anbar, que simultaneamente faz fronteira com a Síria, a Jordânia e a Arábia Saudita nas áreas desérticas, e voltam mais tarde a emboscar as forças de segurança iraquianas em atos de terrorismo transfronteiriço. No inverno de 2012, o Presidente Jalal Talabani, de 79 anos, teve que deixar Bagdá para um hospital alemão devido a um acidente vascular cerebral e a violência sectária tornou-se endêmica. Em julho de 2014, ele foi substituído por um político curdo e ex-porta-voz do Parlamento, Fuad Masum. Mas o número de mortes continuou a subir. Somente em 2016, 6.878 pessoas foram mortas e 12.388 feridas em todo o país (Fox News 2017).

Por que a violência se tornou tão disseminada? Como era esperado, a administração americana dispensou o exército de Saddam Hussein, que era um dos maiores do mundo. Assim, dezenas de centenas de oficiais veteranos perderam seus empregos em um país extremamente dependente da indústria do petróleo. O primeiro-ministro Nuri Al-Maliki decidiu colocar a sua força nos comandantes xiitas e nunca devolveu as posições proeminentes para suas contrapartes sunitas, forçando-os a recorrer às armas em um país com alto nível de desemprego. Muitas dessas pessoas juntaram-se às fileiras do Estado Islâmico para se vingar do regime. Estima-se que, imediatamente após a expulsão da administração interina americana de Saddam, dissolveram-se 385 mil membros das forças armadas, 285 mil policiais e 50 mil guardas treinados das unidades de segurança presidencial (Policy Analysis 2008).

As milícias rivais praticam diferentes padrões de violência porque o poder do Estado está concentrado nas mãos da maioria xiita. Normalmente,

tropas ou soldados paramilitares xiitas param pessoas sunitas jovens ou de meia idade perto dos obstáculos e os matam. Por outro lado, os terroristas sunitas estão retaliando com explosões poderosas nas áreas centrais de bazares movimentados, nas mesquitas ou durante as procissões de funeral xiitas. Para este fim, utilizam amplamente carros-bomba e caminhões ou dispositivos explosivos improvisados. Os principais alvos são os peregrinos, que visitam cidades sagradas de Najaf e Karbala durante feriados religiosos. Muitos correspondentes locais e estrangeiros também são capturados no fogo cruzado. Desde 2003, 267 jornalistas morreram no Iraque e este país continua a ser o lugar mais perigoso para os trabalhadores de mídia de massa no mundo (Committee to Protect Journalists 2013).

Sob as atuais tensões políticas, as relações do Iraque com os vizinhos podem desempenhar um papel estabilizador. Mas os laços oficiais de Bagdá com a Turquia continuam a ser controversos devido aos direitos de partilha de água e à questão curda, uma vez que os curdos constituem 25 por cento da população turca e também há uma importante minoria turcomana no norte do Iraque, o que é importante para a Turquia. Ambos os países compartilham a fronteira comum de 331 quilômetros de comprimento. A Anatólia do Sudeste é uma casa para curdos turcos, cujos parentes também vivem no norte do Iraque. As empresas turcas participaram ativamente da reconstrução do país após a Guerra do Golfo de 1980-1988. Mais tarde, as sanções internacionais contra o regime de Saddam Hussein tornaram a cooperação habitual impossível, mas causaram um aumento considerável no contrabando, com autoridades turcas que fecharam os olhos para isso. Ankara oficialmente se opôs à invasão liderada pelos EUA no Iraque em 2003 e temeu que a queda do regime de Hussein levasse à criação de um Estado curdo independente, como um exemplo e um imã para seus curdos curiosos. Mas, após o fim das hostilidades, esse país decidiu capitalizar as necessidades urgentes de pós-guerra do norte do Iraque nos setores de habitação e infraestrutura, bem como nos produtos agrícolas. Além disso, a Turquia com uma das maiores economias do Oriente Médio e os preços dos combustíveis exorbitantes está se esforçando para desempenhar o papel de “centro de energia” entre a Ásia e a Europa e como principal destino turístico entre os dez principais mercados turísticos, portanto a fronteira comum com o Iraque rico em energia tornou-se útil mais uma vez (Hurriyet Daily News 2013).

As relações do Iraque com a Turquia têm uma forte conexão curda. O Curdistão é uma região especial no nordeste do Iraque, com uma área de 40,6 mil quilômetros quadrados. O Governo Regional Curdo (GRC) goza de uma considerável autonomia e apoio da Peshmerga. Existem várias universidades e dois grandes aeroportos em Erbil e Suleymaniya, o que permite que

a região seja o principal centro de educação e turismo para curdos de outros países. O ex-primeiro-ministro turco, Recep Tayyip Erdoğan, estabeleceu laços diretos com GRC para satisfazer as necessidades de seu país no petróleo e forçar Erbil a tomar medidas severas contra guerrilheiros do “Partido dos Trabalhadores do Curdistão”, que estavam realizando operações transfronteiriças contra soldados turcos e escondidos nas montanhas de Kandil. Até o verão de 2014, o Curdistão permaneceu um lugar relativamente estável com um pequeno número de atos terroristas e clima de investimento favorável. Como resultado, em 2010-2012, o GRC concluiu 40 contratos com multinacionais, entre elas haviam muitas empresas turcas (Kurdistan Board of Investment 2016). Investimento de 2006, entidades estrangeiras estão isentas de impostos sobre importações e lucros pelos primeiros dez anos de sua atividade, elegíveis para ter parcelas e repatriar dinheiro sem dificuldades (China Daily 2013). Em 2014, esta cidade com a cidadela e as mesquitas em estilo arquitetural otomano tornou-se, pela primeira vez, a Capital para o Turismo Árabe. Alcançou a vitória prometendo organizar 40 tipos de atividades culturais (Governo Regional do Curdistão 2012). O novo status facilitou a criação de infraestrutura por empresas de construção turcas e libanesas, que tiveram uma experiência considerável neste campo. Hoje, Erbil possui estradas modernas, lojas, hotéis e condomínios residenciais, mas, devido à guerra com o Estado Islâmico, está superpovoada pelos refugiados da vizinha Mosul, situada a 80 quilômetros de distância.

Cerca de 80% das mercadorias no Curdistão são de origem turca porque a indústria não está desenvolvida desde os tempos de Saddam Hussein, que temia a independência dos curdos e seus laços econômicos com o Irã. Os contrabandistas locais (khajakji) também estão obtendo lucros consideráveis, capitalizando o comércio da fronteira. Esta região continua a ser a principal zona de contrabando de gasolina por caminhões e carros, levando em consideração que os preços dos combustíveis na Turquia são exorbitantes devido aos altos impostos e à falta de recursos petrolíferos próprios. Os turcos desempregados da Anatólia Oriental chegam aqui em busca de empregos na indústria da construção civil ou em hotéis recém-inaugurados. A necessidade de importar frutas e vegetais, óleo de cozinha, cereais, bens e materiais de construção por uma economia não diversificada de um Iraque rico em petróleo transformou a Turquia em uma indústria têxtil desenvolvida, com recordes nas colheitas de trigo, laranjas, limões e nozes, tornando-se um dos principais parceiros comerciais de Bagdá. Para Ancara, o Iraque também continua sendo o segundo maior fornecedor de commodities de importação, somente após a Alemanha. Em 2013, cerca de 1000 empresas deste país estavam presentes no Curdistão iraquiano e 70 por cento do comércio turco com o Iraque foi

consumido por esta região do norte (RT 2013).

No verão de 2009, o Curdistão renovou a exportação de petróleo para a Turquia através do famoso gasoduto Kirkuk-Ceyhan, de 950 quilômetros de extensão, com um volume de 640 mil barris. Bagdá foi confrontada por ofertas separadas do governo curdo com Ancara, porque a liderança iraquiana queria controlar os pagamentos de petróleo e dar aos curdos sua participação de 17% apenas da conta central do Tesouro (Arab News 2013). Em 2014, o novo gasoduto com capacidade de 1 milhão de barris também iniciou os trabalhos de ligação em direção ao terminal do Mediterrâneo, perto da cidade de Ceyhan, usando “ouro preto” dos campos Taq Taq e Takwe. Os curdos iraquianos exigem um acesso direto aos mercados internacionais e pretendem mostrar aos seus parceiros internacionais que podem lidar com grandes potências por conta própria (Hawler Times, 2014). Por outro lado, a liderança iraquiana limita as atividades das empresas turcas no sul e no centro do Iraque, como uma vingança pelo seu crescente papel na indústria petrolífera do Curdistão e pelas incursões injustificadas do exército turco no Iraque. Como resultado, os curdos estão ganhando cada vez mais poderes no Iraque e estão tentando isolar-se do civil entre as frações sunitas e xiitas ao desenvolver estreitos laços econômicos com a Turquia. O Estado iraquiano também perde direitos aduaneiros consideráveis devido ao prolífico comércio de contrabando na região norte e a cidade rica em petróleo de Kirkuk estava em mãos da Peshmerga desde 2014, quando as unidades curdas entraram na área para proteger as instalações de petróleo contra o Estado Islâmico.

Apesar de tudo isso, os movimentos dos curdos para a independência foram postos em compasso de espera pela invasão de suas terras pelo Estado Islâmico e hoje eles são forçados a cooperar com o governo central iraquiano para enfrentar essa ameaça. Além disso, os baixos preços do petróleo nos dois anos anteriores causaram uma grave crise econômica no Curdistão e cada vez menos pessoas querem independência do Iraque, apesar das enormes reservas de petróleo de 45 bilhões de barris (Rudaw 2017). No entanto, a elite política curda ainda espera organizar referendo sobre a independência em algum período de setembro de 2017 ou 2018 após a derrota final do EI.

Os vizinhos inquietos também compartilham problemas de água não resolvidos. O Eufrates e o Tigre estão entre os famosos rios da história do mundo, juntamente com o Nilo sagrado, porque representam o berço da civilização do Oriente Médio com cidades antigas, onde nasceram inúmeras invenções importantes de alto nível. Ambos são originários da Anatólia turca e a Turquia controla respectivamente 89 e 52 por cento do seu fluxo (Brown Policy Review 2016). Infelizmente para o Iraque, as autoridades da Turquia usam extensivamente a água para apaziguar os próprios curdos com o de-

envolvimento da agricultura, pesca e geração de eletricidade nos locais onde vivem. Os representantes desta minoria constituem um quarto da população turca e consideram a cidade antiga de Diyarbakir com 600 mil pessoas como seu centro regional. O Projeto Anatólia do Sudeste (GAP - Güneydoğu Anadolu Projesi) significa a construção de 22 hidrelétricas no Tigre e no Eufrates em nove províncias turcas, o que acrescentaria 1,82 milhão de hectares de terras aráveis e criará pelo menos 4 milhões de empregos. A implementação do GAP começou apenas em 1980 e é esperado custar 32 bilhões de dólares após a conclusão. Como resultado, os estados ribeirinhos baixos experimentam um considerável déficit de água e o rio fronteiro Shatt al-Arab sofre de alto nível de salinidade. Por acordo entre os dois países em 1984, o governo turco deve permitir que 500 metros cúbicos por segundo de água entrem no Iraque, mas Ankara, detentora oficial do segundo maior exército da OTAN não honra este compromisso, pois sabe que um vizinho fraco não está em condições de influenciar o seu comportamento com diplomacia coercitiva (Ministério dos Negócios Estrangeiros da Turquia 2016).

Vários eventos significativos na região também se somaram à desconfiança entre os vizinhos. Em 2011, Recep Tayyip Erdoğan decidiu apoiar grupos sunitas na Síria em uma guerra civil contra o representante dos Alauítas, Bashar al-Assad. Pelo lado contrário, Nuri al-Maliki tomou partido do regime, apesar do presidente sírio encorajar a violência sectária no Iraque durante a ocupação americana (Al-Monitor 2013). No entanto, ambos os países são aliados na questão da independência do Curdistão iraquiano, uma vez que Ancara é contra e apoia a soberania do Iraque.

O Iraque, no qual a população xiita constitui uma maioria, tenta reconstruir as relações com o poderoso vizinho oriental, o Irã. Ambos os países estão divididos por 1468 quilômetros de fronteira, parcialmente formados pelo estratégico rio Shatt al-Arab. Durante a guerra convencional mais longa do século XX, um milhão de pessoas morreram no Irã e 0,5 milhões no Iraque (Black 2010). Centenas de navios afundados em Shatt al-Arab e seus detritos limitaram o tráfego de carga através da via navegável. A guerra foi encorajada e apoiada financeiramente pela Arábia Saudita e emirados menores do Golfo, interessados no enfraquecimento mútuo dos dois estados costeiros mais fortes da região. Como é amplamente conhecido, o conflito paralisou-se, porque o Irã - mais povoado, espalhado por grandes cidades estratégicas da área terrestre e doutrinado pelos povos xiitas da Revolução Islâmica, disposto a lutar fanaticamente pelo Aiatolá Khomeini e morrer por um lugar no Paraíso - não poderia prevalecer sobre o Iraque, tecnicamente melhor equipado pela União Soviética e pela França, e auxiliado por petrodólares “coletivos” do Golfo.

O aumento do poder da maioria xiita do Iraque, há muito negligenciada após 2003, criou as pré-condições necessárias para a melhoria das relações com um adversário antigo. Teerã também se empenhou na diplomacia clandestina, tentando unir diferentes partidos xiitas e financiar atividades de influentes pregadores religiosos no Iraque. Nos perigosos tempos do regime de Saddam, os iranianos tradicionalmente forneceram as salvaguardas aos conhecidos políticos xiitas ou pregadores do Iraque, que hoje pertencem às fileiras da elite política e religiosa. Neste caso, é importante notar que o antigo primeiro-ministro Nuri al-Maliki, os líderes religiosos Muqtada Al-Sadr e o Aiatolá Ali Al-Sistani residiram no Irã durante o governo de Saddam Hussein, escondendo-se da perseguição de seu serviço de segurança (Heydarian 2012).

O ex-presidente Mahmoud Ahmadinejad visitou Bagdá em 2008 e Nuri al-Maliki retornou com quatro visitas oficiais durante seu mandato no cargo. O volume comercial em 2014 ultrapassou os 12 bilhões de dólares. As empresas iranianas forneceram aos consumidores iraquianos alimentos frescos e enlatados, refrigerantes, carne, óleo vegetal, frutas e especiarias, utensílios domésticos e eletrodomésticos, tapetes, carros da “Iran Khodro” e da “SAIPA”, materiais de construção como cimento de pira e alguns produtos de metalurgia (Xinhuanet 2015). Este país tem uma economia muito mais diversificada do que a do Iraque, o que, juntamente com a proximidade geográfica e um gás barato, do gigante e próximo campo de Southern Pars, criou pré-condições necessárias para o desenvolvimento do comércio. Antes de 2015, os bancos iraquianos prestaram assistência aos seus homólogos iranianos para burlar as sanções internacionais e os comerciantes de petróleo iraquianos também misturaram ao petróleo do Irã o seu e venderam no exterior (Voice of America 2012).

A economia e a população iraquianas enfrentam grave escassez de eletricidade. Em julho de 2013, o Irã assinou acordo oficial com Bagdá para fornecer gás natural para uso em usinas de energia. Com base nisso, 25 milhões de metros cúbicos de combustível azul seriam entregues de campos gigantes de Southern Pars a tais instalações em Sadr, Bagdá e Al-Mansouryah através de uma tubulação de 270 quilômetros de extensão. No entanto, os terroristas sunitas freqüentemente atacam trabalhadores iranianos, que realizam esse projeto no território iraquiano (Paywand 2013). Em geral, a geração de energia no país não é suficiente. Os consumidores locais receberão de fontes iranianas 3000 MW adicionais, mas hoje eles dependem apenas de 8500 MW (Press TV 2016). Em algum lugar no futuro, Teerã quer transformar o Iraque em um centro regional para a distribuição de eletricidade para os vizinhos próximos do Levante - Síria e Líbano. Todos esses projetos e interesses comerciais consideráveis forçaram a liderança iraquiana a se opor veemente-

mente às sanções internacionais contra o programa nuclear iraniano, apesar dos ganhos do Iraque nos mercados internacionais, causados pela ausência temporária de petróleo do Irã.

Ambos os países também se esforçam para desenvolver o turismo religioso. As cidades sagradas de Nippur, Najaf e Karbala estão situadas não muito longe de Bagdá e consideradas sagradas para a população xiita. Karbala é importante porque dá aos peregrinos o acesso ao santuário de Imam Hussein, que era o neto do Profeta Maomé. As pessoas religiosas no Iraque, que pertencem à crença dos xiitas, voltam seus rostos durante orações diárias para Karbala, mas não para Meca. Outro mausoléu sagrado de enorme importância simbólica - o primeiro mazar dos xiitas, Imam Ali, na cidade sagrada de Najaf. Em 2008, as empresas iranianas construíram o aeroporto para peregrinos perto de Najaf e também criaram a rede de estradas pavimentadas entre Basra e o sudoeste do Irã. No ano passado, cerca de 18 milhões de pessoas fizeram peregrinações a Karbala com um número substancial delas sendo de iranianos (France 24.com 2013). No entanto, o turismo interestatal não se desenvolveu bem devido à fraca moeda iraniana, o Rial. Além disso, os terroristas sunitas visam ônibus de turistas religiosos com carros-bomba ou os param perto de falsos obstáculos para atacar todos os passageiros. Por outro lado, as cidades sagradas iranianas de Qom e Mashhad atraem os fiéis iraquianos xiitas devido a sua total segurança. Os iraquianos estão pagando montantes consideráveis por quartos em hotéis e também comprando lembranças religiosas. Os pobres podem viajar aqui vindos do Iraque gratuitamente, graças à assistência do governo iraniano (Boston Globe, 2007).

Os vizinhos também procuram uma parceria energética mais ampla em um contexto regional. Em 2009, o presidente Mahmoud Ahmadinejad propôs a construção de um oleoduto Irã - Iraque - Síria, de 1500 quilômetros e, posteriormente, um enorme terminal de GNL (gás natural liquefeito) na costa síria para vender gás para a Europa Ocidental através do Mar Mediterrâneo. Isso permitiria ao Irã exportar combustível azul dos campos Southern Pars através da Síria e obter o acesso direto aos mercados europeus. Em 2011, ambos os lados assinaram o respectivo acordo na cidade de Bushehr e decidiram alocar 10 bilhões de dólares para implementá-lo (Tehran Times 2011). Muitos observadores políticos acreditam que o forte apoio dos insurgentes sunitas na Síria pelo Catar, como o maior fornecedor de GNL no mundo, é causado pela intenção de Doha de impedir que o projeto rival seja implementado. Os países vizinhos também compartilham posição similar na guerra civil na Síria. O então primeiro-ministro Nuri al-Maliki suspeitava que os sunitas rebeldes no Iraque receberam armas e apoio de suas contrapartes na Síria, e que a queda de Bashar al-Assad contribuiria para a instabilidade do

Iraque e ajudaria os terroristas a criar um estado fundamentalista no triângulo sunita do Iraque Central. Quanto ao Irã, as áreas controladas por Damasco continuam sendo uma importante ponte terrestre para o sul do Líbano, onde o influente grupo político xiita “Hezbollah” está ativo. Devido ao apoio oficial de Teerã com armas e dinheiro para redes sociais de caridade, o “Hezbollah” formado por xiitas pode ser considerado uma formidável força de combate no confronto com Israel e um projeto econômico relativamente bem-sucedido de distribuição de ajuda aos pobres, que aumenta o prestígio do Irã no Oriente Médio e demonstra a fraqueza da Arábia Saudita no Líbano. Portanto, o Irã enviou dezenas de milhares de voluntários para o Iraque e a Síria para reforçar a campanha contra o Estado Islâmico e grupos islâmicos mais moderados.

No entanto, as relações de ambos os vizinhos também são caracterizadas por problemas crônicos, herdados da guerra do Golfo de 1980-1988. Em janeiro de 1991, Saddam Hussein ordenou que seus pilotos levassem 130 aviões de combate da Força Aérea iraquiana, a maioria soviéticos, para os campos de aviação iranianos, a fim de evitar sua destruição pela aviação dos EUA durante a operação “Tempestade no Deserto”. Infelizmente, Teerã recusou-se constantemente a devolver esses aviões até 2014, quando a ameaça do Estado Islâmico para a estabilidade do Iraque se tornou evidente (Monitor do Oriente Médio 2014). Com o exemplo do Kuwait, a liderança iraniana também quer obter uma compensação por consideráveis perdas econômicas da guerra. O Iraque pagou ao Kuwait 47,8 bilhões dos 52,4 bilhões de dólares de reivindicações pela ocupação de 1990-1991 e adiou o pagamento final por causa da situação econômica (Bas 2016). No entanto, Bagdá ainda não está pronta para satisfazer demandas muito maiores do vizinho do leste. Ambos os lados também não conseguiram descobrir o que aconteceu com os milhares de soldados desaparecidos em um conflito de oito anos. Finalmente, os iraquianos seculares não querem seguir o modelo do poder estatal do Irã, com base na dominação do líder espiritual - Rahbar e, associado a ele, círculos religiosos, preferindo, em vez disso, um sistema político de “tipo bósnio” com um Parlamento forte. Além disso, a maioria da população do Iraque é representada por árabes, enquanto que no Irã constituem uma pequena minoria de todos os cidadãos, principalmente na região fronteiriça rica em petróleo do Khuzistão e no isolado Sistão-Baluchistão. O Iraque também capitalizou as sanções internacionais contra o Irã e aumentou a exportação de petróleo bruto para mercados tradicionais iranianos, como China e Índia (Antiwar.com, 2008). Apesar de tudo isso, a ameaça de criação de um estado fundamentalista no Iraque continua elevada e o Irã teve que reagir recusando-se a proteger o primeiro-ministro Maliki, que estava sob fogo cruzado de seus adversários políticos e apoiar clandestinamente os ataques dos EUA no Iraque contra is-

lâmicos radicais.

As relações com a Jordânia como uma saída para o Mar Vermelho para o oeste do Iraque, também são importantes para o país, que compartilha com esse país uma fronteira de 181 quilômetros de comprimento. A família Haemita, cujos membros governaram como monarcas em ambos os Estados até o golpe de 1958 em Bagdá, ligou historicamente a Jordânia e o Iraque. O rei jordaniano Hussein por muito tempo teve medo do poderoso Saddam Hussein e fez o seu melhor para não aliená-lo, levando em consideração que 60 por cento da população do país eram representados pelos ex-refugiados palestinos, que apoiaram fortemente a invasão iraquiana no Kuwait no verão de 1990. Como resultado, a Jordânia ficou em silêncio ao lado do Iraque durante a ocupação do Kuwait em 1990-1991 e, assim, se isolou no mundo árabe. Em 1994, o rei Hussein foi forçado a concordar com o tratado de paz com Israel, a fim de superar a crise econômica e receber a assistência e preferências comerciais dos EUA na exportação de têxteis. Mais tarde, este país se transformou no viveiro do tráfico, porque, isolado por sanções internacionais, o Iraque precisava de muitos bens de consumo, portanto, uma rodovia entre a Jordânia e o Iraque entretinha as caravanas de caminhões na década de 1990. Por sua vez, o Iraque sob Saddam Hussein forneceu o petróleo à Jordânia a preços fixos baratos e continua a fazê-lo hoje sob outros governantes. O país seguro e estável do deserto também forneceu serviços bancários, empresariais e hoteleiros para as multinacionais ocidentais, hesitando em operar diretamente em um ambiente iraquiano perigoso (Kelidar e Susser, 1996).

A capital jordaniana, Amã, é considerada o centro das organizações humanitárias internacionais que lidam com refugiados da Síria e do Iraque. Frutas, azeitonas e vegetais (principalmente tomates e alface) do vale fértil do rio Jordão são transportados diariamente para Bagdá e para o oeste do Iraque. As zonas econômicas livres na Jordânia também vendem seus bens industriais (veículos e peças automotivas, fertilizantes para agricultura) principalmente ao subdesenvolvido Iraque, que por sua vez continua a comercializar petróleo (Middle East online 2015).

Em 2013, ambos os lados entraram em um acordo de livre comércio e concordaram em construir um oleoduto de petróleo bruto do Iraque para o Mar Vermelho, a fim de evitar a pouco confiável Turquia e evitar os riscos do Estreito de Ormuz. A instalação de 1.680 quilômetros de extensão destina-se a transportar 2,25 milhões de barris de petróleo bruto por dia da região de Basra para o distrito de Anbar e depois para baixo, em direção ao porto de Aqaba. A economia jordaniana é fortemente dependente da energia importada da Arábia Saudita e sofreu por causa da escassez de gás egípcio durante e após a Primavera Árabe, portanto, essa diversificação é importante.

Esses países também consideram o uso de seus respectivos territórios para redirecionar um possível gasoduto Irã-Iraque-Síria, ao invés de partir de uma Síria em guerra para a costa segura do Mar Vermelho através da construção de um gasoduto dual de petróleo e gás (Hürriyet Daily News 2013). Levando em consideração que o Egito é um vizinho da Jordânia, o território jordaniano pode ser usado como um canal para o petróleo iraquiano destinado aos consumidores egípcios.

A Jordânia abriga cerca de 500 mil refugiados iraquianos, mas, infelizmente, essas pessoas não são qualificadas para trabalhar, apesar de estarem recebendo serviços de saúde decentes e educação. O distrito iraquiano de Anbar, com área total de 138 mil quilômetros quadrados, também serve como uma principal zona de trânsito para os refugiados sírios, que se esforçam para entrar na Jordânia junto com os residentes do Iraque Central (Open Democracy 2012). Amã está interessada na estabilidade do Iraque e condena fortemente uma guerra civil lá, porque isso lhe ameaçaria com uma inundação de refugiados para o país do deserto, parcialmente povoado por palestinos, que deixaram a Cisjordânia durante várias guerras árabe-israelenses. Os americanos treinaram os milhares de soldados e policiais iraquianos em uma Jordânia relativamente segura. Hoje, os jordanianos concordaram em fazer este trabalho e prometeram apoio total contra o terrorismo a suas contrapartes iraquianas (Iraq Business News 2014). Como mostra a análise, apenas os Estados regionais mais fracos, como a Jordânia e o Kuwait, podem ser parceiros confiáveis de Bagdá.

Entre todos os vizinhos do Iraque, Bagdá tem as relações mais controversas com a Arábia Saudita, que compartilha com a fronteira de 841 quilômetros de extensão no deserto. O reino conservador foi ameaçado pelo aumento do poder no Iraque do Partido Baath em 1968, no entanto, durante a longa guerra entre o Irã e o Iraque, Riad forneceu ao regime de Saddam Hussein um crédito de 15 bilhões de dólares (em 2007, o reino concordou em cancelar 80 por cento da dívida sob pressão direta dos EUA) para sustentar o esforço de guerra do Iraque e paralisar a capacidade iraniana de “exportar” a revolução xiita para as regiões sauditas ricas em petróleo perto da cidade oriental de Dammam (Mufson e Wright 2007). Após a invasão iraquiana do Kuwait, este país recebeu bombas protetoras americanas durante a operação “Escudo do Deserto” e recentemente participou ativamente da operação “Tempestade do Deserto”. No entanto, quando o presidente George W. Bush Junior decidiu invadir o Iraque em 2003, o rei saudita se contrapôs fortemente, acreditando que esse erro estratégico poderia resultar em um retorno da maioria xiita aos cargos de poder estatal. Mais tarde, funcionários iraquianos acusavam freqüentemente a Arábia Saudita e Catar de financiar equipamentos da “Al-

-Qaeda” no Iraque e, ao mesmo tempo, enfatizou que indivíduos da família real saudita estavam principalmente por trás dessa assistência (Alalam 2013).

A desconfiança entre parceiros é evidente na pequena participação comercial e na ausência de visitas de alto nível. A Arábia Saudita não abriu uma embaixada em Bagdá até 2016 e seu embaixador na Jordânia representou os interesses do reino no Iraque, portanto as opções de comunicação eram limitadas. Além disso, os trabalhadores sauditas também estão construindo uma cerca de segurança de 965 quilômetros de extensão com arame farpado perto da fronteira com o Iraque. A “parede inteligente” será mais tarde equipada com sensores de movimento e torres de vigilância e deve proteger o país contra incursões do EI - Estado Islâmico do Iraque e do Levante (Trade Arabia 2015). Hoje, o reino não tem fundos para aprofundar sua influência no Iraque desde que foi assolado pelos baixos preços do petróleo e pela guerra no Iêmen.

O ano de 2014 trouxe mudanças cruciais para a situação geopolítica regional. No início do ano, o distrito central de Anbar tornou-se um foco de conflito entre forças armadas iraquianas e militantes sunitas que ocuparam edifícios administrativos e postos de polícia nas maiores cidades de Ramadi e Fallujah. Esses eventos mostraram que a liderança iraquiana sempre teve problema com a parte ocidental do país, por causa da composição sunita de sua população. Nos anos anteriores, a Al-Qaeda aprendeu a explorar a desconfiança dos moradores do triângulo sunita em relação ao domínio xiita no governo para expandir suas atividades na área (AINA 2014). Mas os problemas em Anbar tornaram-se menos importantes quando militantes do Estado Islâmico do Iraque e do Levante ocuparam rapidamente partes do norte e do centro do Iraque no verão de 2014, incluindo a segunda maior da cidade, Mosul, com 2 milhões de habitantes. As forças mais superiores dos soldados iraquianos fugiram, deixando para trás equipamentos militares americanos caros como 2300 “Humvees”, os principais tanques de batalha “Abrams” e numerosas peças de artilharia (Buren 2017).

A ascensão do islamismo radical na Síria pode ser considerada como uma mudança no jogo para todas as potências regionais devido a sua forte influência transfronteiriça. O Estado Islâmico, cujos membros superiores são ex-oficiais de Saddam Hussein, explorou a minoria subnacional sunita no Iraque para recrutar mais seguidores jovens e de meia idade e tornou-se o grupo mais numeroso entre a resistência síria e um poder para reconciliar-se com o triângulo sunita do Iraque. Durante muito tempo, o presidente sírio, Bashar al-Assad, permitiu que o Estado Islâmico aumentasse sua força, proibindo bombardear os militantes do ar, a fim de colocá-los contra facções mais moderadas e forçar os países ocidentais a escolher um “mal menor” entre o seu conhecido regime secular e uma nova ameaça islâmica. A crescente presença

do EI na Síria e no Iraque é também perigosa para a Arábia Saudita e para a Turquia (Al-Monitor 2016).

Desde 8 de agosto de 2014, os caças de combate norte-americanos conduzem uma campanha de ataques aéreos destinados a parar o ataque de militantes e afastá-los das posições estratégicas no norte. Mas, sem a reconciliação entre as frações sunitas e xiitas no Iraque, a guerra civil se arrastará para sempre. Em agosto de 2014, Nuri al-Maliki finalmente renunciou e o primeiro-ministro e tecnocrata interino Haider al-Abadi assumiu o novo governo. Ele declarou sua intenção de melhorar as relações com todos os vizinhos, incluindo Arábia Saudita e Turquia. A ameaça externa pode unir diferentes comunidades no Iraque com o propósito de assumir-se uma posição conjunta contra os intrusos (Press TV 2014). No entanto, membros do EI e outros representantes da milícia religiosa já controlam muitos cruzamentos de fronteira do Iraque e da Síria. Além disso, eles encontraram facilmente novos recrutas entre jovens desempregados em ambos os países. As forças armadas locais resistem na luta contra os militantes, mas os ataques aéreos dos EUA vindos da base turca de Incirlik fizeram uma diferença real e não permitiram que militantes do ISIL atacassem com força considerável e usassem uma longa coluna de carros e caminhões. O Irã também enviou drones e tropas paramilitares para ajudar o Iraque na guerra contra rebeldes. A Jordânia juntou-se à coalizão liderada pelos EUA e contribuiu para seus esforços com os antigos caças F-16.

Hoje, o Iraque enfrenta os desafios do EI, da queda na produção agrícola e dos baixos preços do petróleo, pelo que o país deve diversificar a economia para não se apoderar da “doença holandesa”. 70% do orçamento do Iraque em 2015 foi usado para pagar o aumento da importação de alimentos, despesas militares e consideráveis subsídios à energia. A agricultura deteriora-se não só por causa da guerra, mas também como resultado da negligência. Em 2015, apenas 15 por cento das áreas terrestres do Iraque estavam sendo cultivadas, o que definiu altos níveis de desemprego no campo (Nasrawi 2015). Os problemas econômicos são agravados pela enorme dependência do petróleo e pelo enorme aparelho estatal, alimentado por petrodólares. 7 milhões de pessoas no Iraque são funcionários do Estado e precisam de salários de cerca de 4 bilhões de dólares por mês para trabalhar. Ao mesmo tempo, todo o orçamento iraquiano constituiu, em 2016, apenas 87 bilhões de dólares (Rudaw 2016).

A decisão de Bagdá de apoiar a campanha russa na Síria pode agravar os problemas nas relações com os EUA. Os aviões de carga russos estão usando o espaço aéreo iraquiano para entregar armas e munições à Síria. O Iraque também concordou em compartilhar inteligência vital com o Irã e a

Rússia para observar as atividades do Estado Islâmico e especialistas militares russos abriram seu escritório em Bagdá. O primeiro-ministro Haider al-Abadi decidiu unir-se ao Irã, à Rússia e ao Hezbollah para sustentar o regime de Assad (Al-Rashed 2015). Tudo isso pode levar à deterioração da assistência americana ao Iraque, cujas armas do exército são predominantemente feitas nos EUA. Enquanto isso, em dezembro de 2015, as forças armadas iraquianas finalmente desalojaram o ISIL de Ramadi com o apoio aéreo dos EUA, isolando os terroristas no Iraque central e ganhando a primeira vitória considerável sobre o grupo, que também perdeu 30% do território do seu califado no Iraque (Al Arabiya 2015).

No final de 2016, a liderança iraquiana decidiu devolver o controle de Mosul, porque cada ano sob ocupação aumenta as fileiras do Estado Islâmico. O cerco de Mosul, como a maior operação militar no Iraque pós Saddam, parecia ser muito complicado. O exército iraquiano e as unidades aliadas constituíram cerca de 100 mil soldados contra 8-10 mil militantes, que cada vez mais usavam carros-bomba, atiradores e emboscadas de rua, escondendo-se atrás da população civil e dos muros de barro. O baque para o EI após a vitória do exército iraquiano será forte, uma vez que esta organização terrorista proclamou a cidade uma capital do seu Estado no Iraque e até produziu foguetes, bombas e escudos dentro da cidade em grande escala (Middle East Eye 2017). Além disso, em outubro de 2017, o governo iraquiano estava em posição de lutar contra Kirkuk pelas mãos de Peshmerga, depois que a população no Curdistão iraquiano votou pela independência durante o referendo de 25 de setembro (Reuters 2017). No entanto, muitos desenvolvimentos futuros no Iraque dependerão da capacidade do Estado de reintegrar a segunda maior cidade na vida política e econômica e encontrar uma base comum com os curdos.

A capital regional de Erbil (popular nome curdo Hawler), situada a 355 quilômetros de Bagdá, no extremo nordeste do país, está se transformando em um novo centro cultural e de negócios do Oriente Médio com a abertura de muitos centros comerciais e marcas hoteleiras. De acordo com a lei de

## Conclusão

A transição do Iraque para um Estado democrático moderno tornou-se impossível sem a unidade nacional no país, onde a repressão estatal dos grupos religiosos rivais é uma regra da vida. As reformas lideradas pelos EUA trouxeram ao poder a maioria xiita, que sofreu fortemente sob o domínio de Saddam Hussein e considerou a vitória eleitoral como uma oportunidade adequada para se vingar de suas contrapartes sunitas, em detrimento da demo-

cracia. Os principais colaboradores iraquianos não conseguiram introduzir salvaguardas importantes para os direitos políticos das minorias, condicionando a sua ajuda a níveis bilaterais e multilaterais a uma distribuição adequada do poder do Estado na base estrita da força populacional de todo grupo étnico-religioso, exceto os curdos, que obtêm seus 17 por cento do orçamento.

O Estado iraquiano sob Saddam estava entre os mais militarizados do mundo e as armas do exército iraquiano ficaram amplamente disponíveis depois de 2003 e depois dos expurgos em massa do exército e da polícia pela administração interina americana, o que permitiu que a minoria sunita se levantasse contra a maioria xiita em uma guerra civil. A forte dependência do petróleo define a existência de um enorme setor estatal no Iraque e a falta de emprego em áreas marginalizadas do triângulo sunita, onde petróleo e gás estão ausentes. Por causa da marginalização na vida política e econômica, os sunitas têm pouca escolha senão resistir. De facto, dividido em três partes, o Iraque se encontra atormentado por um problema crônico de unidade nacional, que a vizinha Turquia, juntamente com a Arábia Saudita agravam pela sua política de interferência, com o objetivo de apoiar a minoria sunita ou para estabelecer negócios econômicos separados com o Curdistão iraquiano rico em petróleo.

A inconsequente política dos EUA na Síria sob Barack Obama agravou ainda mais a situação. Neste ambiente, o Iraque teve que confiar no Irã, apesar da história tensa das relações nos anos 1980 e do número de questões não resolvidas de natureza bilateral. Mas o verdadeiro desafio para a elite política pode ser visto em superar a diferença entre sunitas, xiitas e curdos, porque a atmosfera venenosa da violência sectária impede o desenvolvimento normal do país rico em petróleo e o ameaça com uma divisão mais profunda - até o ponto de criação de três Estados separados. A única maneira de salvar o país é garantir uma representação justa de todos os grupos religiosos e étnicos em aparelhos estatais e na lucrativa indústria petrolífera, distanciar a economia do petróleo para uma indústria do turismo inspirada no exemplo turco, desenvolver fertilizantes, aço e alumínio, bem como outras indústrias com valor agregado, agricultura e serviços de transporte. A Turquia, Marrocos e os Emirados Árabes Unidos podem ser considerados modelos de desenvolvimento diversificado para Estado iraquiano falido que ainda tem capacidade para evitar o pior cenário.

## REFERÊNCIAS

- AINA. 2014. "Iraq's Rebellious West Is Wild Card In Upcoming Parliamentary Elections". April 25, 2014.
- Alalam. 2013. "Saudi Arabia sponsors violence in Iraq: Ex-US envoy". August 12, 2013.
- Al Arabiya. 2015. "Iraq southern oil export hit monthly record". August 1, 2015. <http://english.alarabiya.net/en/business/energy/2015/08/01/Iraq-s-southern-oil-exports-hit-monthly-record.html>. Accessed on November 1, 2016.
- Al Arabiya. 2015. "After Ramadi's liberation, PM vows to defeat ISIS". December 28, 2015. <http://english.alarabiya.net/en/News/middle-east/2015/12/28/Iraq-military-command-declares-Ramadi-fully-liberated.html>. Accessed on November 1, 2016.
- Al Monitor. 2013. "Basra officials hope new contracts will spur reconstruction" December 13, 2013.
- Al-Monitor. 2012. "Talabani's Absence Threatens Balance in Iraq". December 21, 2012.
- Al-Monitor. 2013. "Turkey-Iraq Relations Deteriorate With Accusations of Sectarianism". April 8, 2013. <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2012/al-monitor/turkey-iraq-ties-sour-brover-syr.html>. Accessed on November 1, 2016.
- Al-Monitor. 2013. "Inside Baghdad's 'Green Zone'". April 11, 2013.
- Al-Monitor. 2014. "Is Turkey the weakest link in anti-IS coalition? ". September 9, 2014. <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2014/09/turkey-iraq-syria-isis-usa-kurds-hostages.html>. Accessed on November 1, 2016.
- Al-Rashed, Abdulrahman. 2015. "Russians in Iraq too". *Arab News*. October 2, 2015. <http://www.arabnews.com/columns/news/>. Accessed on November 1, 2016.
- Antiwar.com. 2008. "Experts Agree: Iran Is Not Iraq". January 2, 2008. <http://www.antiwar.com/orig/norouzi.php?articleid=12145>. Accessed on November 1, 2016.
- Arab News. 2013. "Turkey's oil gamble with the Kurds". December 8, 2013. <http://www.zawya.com/mena/en/story/ZAWYA20131208032930/>. Accessed November 1, 2016.
- Bas News. 2016. "Iraq's compensation payment to Kuwait postponed". December 31, 2016.

- Black, Ian. 2010. "Iran and Iraq remember war that cost more than a million lives", *Guardian*. September 23, 2010.
- Boston Globe. 2007. "Iran is hot destination for Iraqis seeking calm". May 13, 2007.
- Brown Political Review. 2016. "Hydroelectric fracturing: Erdogan's infrastructure folly". November 6, 2016.
- Buren, Peter van. 2015. "Dude, where's my Humvee? Iraq losing equipment to Islamic State at staggering rate". *Reuters Blog*. June 2, 2015. <http://blogs.reuters.com/great-debate/2015/06/02/dude-wheres-my-humvee-iraqi-equipment-losses-to-islamic-state-are-out-of-control/>. Accessed on February 25, 2017.
- Business Insider. 2014. "The 17 Countries Sitting On The Most Valuable Energy Reserves". February 13, 2014.
- CATO Institute. 2008. "Learning the right lessons from Iraq". *Policy Analysis*. February 13, 2008. <https://object.cato.org/sites/cato.org/files/pubs/pdf/pa-610.pdf>. Accessed on November 1, 2016.
- China Daily. 2013. "Economy booms in Iraq's Kurdistan as other parts struggle with violence". September 22, 2013.
- Committee to Protect Journalists. 2013. "Syria, Iraq, Egypt most deadly nations for journalists". December 30, 2013.
- Council on Foreign Relations. 2016. "Remembering the Iraqi Uprising Twenty-Five Years Ago". March 5, 2016. <http://blogs.cfr.org/zenko/2016/03/05/remembering-the-iraqi-uprising-twenty-five-years-ago/>. Accessed on November 1, 2016.
- FAO. 2014. "Iraq: serious food security concerns due to conflict". June 25, 2014. <http://www.fao.org/news/story/en/item/237162/icode/>. Accessed on November 1, 2016.
- Fox News. 2017. "UN: At least 6,878 civilians killed in Iraq violence in 2016". January 3, 2017. <http://www.foxnews.com/world/2017/01/03/un-at-least-6878-civilians-killed-in-iraqi-violence-in-2016.html>. Accessed on January 5, 2017.
- France 24.com. 2013. "Shiites pack Iraq shrine city for mourning rituals". December 24, 2013. <http://www.france24.com/en/20131224-shiites-pack-iraqi-shrine-city-mourning-rituals/>. Accessed on November 1, 2016.
- Global Arab Network. 2009. "Iraq: Corruption undermining state food aid programme?". Accessed February 25, 2017.
- Hawler Times. 2014. "Iraqi Kurdistan's Oil Exports Via Turkey by Jan. 31".

- <http://hawlertimes.com/2014/01/09/iraqi-kurdistans-oil-exports-via-turkey-by-jan-31/>. Accessed November 1, 2016.
- Heydarian, Javad. 2012. "Iran Gets Close to Iraq". *The Diplomat*. January 24, 2012.
- Huffington Post. 2013. "Iraq Reconstruction Cost U.S. \$60 Billion, Left Behind Corruption And Waste". March 6, 2013.
- Hurriyet Daily News. 2013. "US starts to see Turkey as Iraq energy bridge: Envoy". February 13, 2013.
- Hürriyet Daily News. 2013. "Iraq, Jordan pipeline to by-pass Iran control". February 28, 2013.
- Iraq Business News. 2013. "Smugglers Easily Cross Iraq's Border". October 18, 2013. <http://www.iraq-businessnews.com/2013/10/18/smugglers-easily-cross-iraqs-border/>. Accessed November 1, 2016.
- Iraq Business News. 2014. "Jordan to Train Iraqi Troops". December 23, 2014. <http://www.iraq-businessnews.com/2014/12/23/jordan-to-train-iraqi-troops/>. Accessed on November 1, 2016.
- Kelidar, Abbas and Asher Susser. "Jordan: Between Israel and Iraq". December 30, 1996. <http://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/view/jordan-between-israel-and-iraq>. Accessed on November 1, 2016.
- Kurdistan Board of Investment. 2016. "Kurdistan fact sheet". [http://www.kurdistaninvestment.org/fact\\_sheet.html](http://www.kurdistaninvestment.org/fact_sheet.html). Accessed November 1, 2016.
- Kurdistan Regional Government. 2016. "Erbil named 2014 Arab Tourism Capital". November 20, 2012. <http://cabinet.gov.krd/a/d.aspx?l=12&a=45887>. Accessed on November 1, 2016.
- Middle East Eye. 2017. "Iraq forces launch operation to retake western area". January 5, 2017. <http://www.middleeasteye.net/news/iraq-forces-launch-operation-retake-western-area-582416994>. Accessed on January 5, 2017.
- Middle East Monitor. 2014. "Iran returns military aircraft to Iraq after 20 years". June 23, 2014.
- Middle East online. 2015. "Closure of key trade route deals harsh blow to Jordan economy". August 26, 2015. <http://www.middle-east-online.com/english/?id=71088>. Accessed on November 1, 2016.
- Military Technology. 2010. "Going to war against the IED". May 7, 2010.
- Mufson, Steven, and Robin Wright. "In a major step, Saudi Arabia agrees to write off 80 percent of Iraqi debt". *Washington Post*. April 18, 2007.

- Nasrawi, Salah. 2015. "Iraq tightens its belt". *Al Ahram weekly*. February 5, 2015.
- National Post. 2015. "Foreign troops training Kurdish peshmerga fighters encounter language barriers, lack of basic skills". March 20, 2015.
- Oil Price. 2017. "Iraq's oil reserves rise to 153 billion barrels". February 20, 2017. <http://oilprice.com/Latest-Energy-News/World-News/Iraqs-Oil-Reserves-Rise-To-153-Billion-Barrels.html>. Accessed on February 25, 2017.
- Open Democracy. 2012. "Draining the hourglass: Iraqi refugees in Jordan". April 11, 2012.
- Payvand. 2013. "Iraq eyes \$15b annual trade with Iran". December 24, 2013. <http://www.payvand.com/news/13/dec/1140.html>. Accessed on November 1, 2016.
- Press TV. 2014. "Iran congratulates Iraq on forming new government". September 9, 2014. <http://www.presstv.ir/detail/2014/09/09/378164/iran-hails-new-government-in-iraq/>. Accessed on November 1, 2016.
- Press TV. 2016. "Iran restarts electricity exports to Iraq". May 1, 2016. <http://www.presstv.ir/Detail/2016/05/01/463380/Iran-resumes-Iraq-electricity->. Accessed on November 1, 2016.
- PRI. 2003. "History of Iraq part II: The rise of Saddam Hussein". February 12, 2003. <https://www.pri.org/stories/2003-02-12/history-iraq-part-ii-rise-saddam-hussein>. Accessed on February 25, 2017.
- Refworld. 2015. "2012 Report on International Religious Freedom – Iraq". May 8, 2015. <http://www.refworld.org/docid/519dd4bb18.html>. Accessed November 1, 2016.
- Republic of Turkey. Ministry of Foreign Affairs. "Turkey's Policy on Water Issues". [http://www.mfa.gov.tr/turkey\\_s-policy-on-water-issues.en.mfa](http://www.mfa.gov.tr/turkey_s-policy-on-water-issues.en.mfa). Accessed on November 1, 2016.
- Reuters. 2011. "Iraq struggles to revive ailing date palm sector". April 28, 2011.
- Reuters. 2017. "Iraq's Kurdistan region delays elections". October 23, 2017. <https://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-iraq-kurds-election/iraqs-kurdistan-region-delays-elections-idUSKBN1CS0T0?il=0>. Accessed on November 6, 2017.
- Roberts, Joel. 2003. "Saddam Set Bank Heist Record: Report". *CBS News*. May 6, 2003. <http://www.cbsnews.com/news/saddam-set-bank-heist-record-report/>. Accessed on November 1, 2016.
- RT. 2013. "Turkey economic champion of Iraq war". March 13, 2013. <https://www.rt.com/business/turkey-won-iraq-export-market-192/>. Accessed

November 1, 2016.

Rudaw. 2016. "Tough year ahead for Iraqi economy, finance minister warns". January 6, 2016.

Rudaw. 2016. "Tariq al-Hashimi, former Iraqi VP, removed from Interpol's red notice". May 16, 2016.

Rudaw. 2017. "Migration of young people still a major challenge in Kurdistan". February 23, 2017.

Tehran Times. 2011. "Iran, Iraq, Syria sign major gas pipeline deal". July 25, 2011.

Trade Arabia. 2015. "Saudi Arabia to build 965 km security barrier on Iraq border". January 2015. [http://www.tradearabia.com/news/CONS\\_274396.html](http://www.tradearabia.com/news/CONS_274396.html). Accessed on November 1, 2016.

US State Department. 2015. "US Security cooperation with Iraq". Fact sheet of Bureau of political-military affairs of US State Department. August 19, 2015.

Voice of America. 2012. "Iraq Helping Iran Skirt Sanctions, Report Claims". August 19, 2012. [http://www.voanews.com/a/report\\_iraq\\_helping\\_iran\\_skirt\\_sanctions/1491000.html](http://www.voanews.com/a/report_iraq_helping_iran_skirt_sanctions/1491000.html). Accessed on November 1, 2016.

Xinhuanet. "Iran-Iraq trade value reaches 12 billion USD: official". January 18, 2015. [http://news.xinhuanet.com/english/business/2015-01/18/c\\_133928083.htm](http://news.xinhuanet.com/english/business/2015-01/18/c_133928083.htm). Accessed on November 1, 2016.

Your Middle East. 2014. "Russia delivering weapons to Iraq". July 25, 2014.

## RESUMO

O artigo analisa os processos políticos e econômicos no Iraque após a queda do regime de Saddam Hussein, avalia a eficiência da reconstrução pós-guerra deste país árabe em campos econômicos e de segurança, destaca os motivos da guerra civil entre seguidores sunitas e xiitas, explica o paradoxo do status semi-independente do Curdistão iraquiano, bem como a política externa oficial de Bagdá para os vizinhos importantes - Turquia, Irã, Arábia Saudita e Jordânia. O surgimento do Estado Islâmico do Iraque e do Levante, capitalizando a divisão sectária, e uma tentativa de liderança iraquiana para neutralizar essa ameaça também fizeram parte da análise

## PALAVRAS-CHAVE

Iraque. Reconstrução. Violência sectária. Indústria do petróleo.

*Recebido em 20 de dezembro de 2017.*

*Aprovado em 23 de fevereiro de 2018.*

*Traduzido por Bruna Hayashi Dalcin*